

## EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: UMA PROPOSTA PARA O COMERCIO AMBULANTE DO PARQUE BARIGÜI

Education and the environment: a proposal for the mobile commerce of Park Barigüi

*Cristhiane A. Mariot<sup>1</sup>, S. Maciel-Lima<sup>2</sup>, J. E. de Souza-Lima<sup>3</sup>*

*Recibido: Enero, 2013 // Aceptado: Julio, 2013*

### RESUMEN

O artigo visa identificar a percepção socioambiental dos vendedores ambulantes de forma a subsidiar um programa de educação socioambiental no contexto do Parque Barigüi. O Parque Barigüi é cenário da biodiversidade e da inclusão das heterogeneidades nas relações humanas, sendo uma referência social e ecológica do ambiente urbano no município de Curitiba-PR. Trata-se de uma pesquisa que utiliza o estudo de caso, entrevistas semi-estruturadas e questionários aplicados aos vendedores ambulantes selecionados. Conclui-se, a partir da percepção socioambiental dos entrevistados, que a falta de política de Educação Ambiental voltada para os vendedores ambulantes tende a se tornar um obstáculo para eles, vez que poderiam atuar como agentes de educação ambiental junto aos frequentadores do Parque Barigüi.

Palabras clave: comércio ambulante, Parque Barigüi, educação socioambiental, percepção socioambiental.

### ABSTRACT

The article aims to identify the socioenvironmental perception of street vendors to subsidize an educational program in the context of Parque Barigüi. Barigüi Park is an scenario of biodiversity and inclusion of heterogeneity in human relations, and a reference to social and ecological environment in the urban city of Curitiba-PR. This is a qualitative and quantitative research that uses the case study, semi-structured interviews and questionnaires to selected vendors. We conclude that the perception of social and environmental subjects, the lack of policy on Environmental Education for street vendors tend to become an obstacle for them, since they could act as agents of environmental education for visitors to Barigüi Park.

Key words: street vendors, Park Barigüi, social and environmental education, social and environmental perception.

---

<sup>1</sup> Investigadora y Magister en educación de la Universidad Federal de Paraná (UFPR).

Lineas de investigación: educación, medio ambiente. E-mail: mariot\_cris@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Investigadora y docente de UNICURITIBA. E-mail: maciellima.sandra@gmail.com

<sup>3</sup> Investigadora y docente de UNICURITIBA y de PPGMADE da UFPR. E-mail: zecaed@hotmail.com

## INTRODUCCIÓN

Atualmente o ritmo acelerado das cidades tem feito com que a população residente na zona urbana procure usufruir de espaços de lazer com áreas verdes de preservação ambiental, nos quais se instalam comércios ambulantes, sejam eles regularizados ou clandestinos, que, por sua vez, necessitam de uma demanda de consumo para sua sobrevivência. Assim, muitas vezes a busca pela contemplação da natureza associa-se ao consumo e descarte indiscriminado de produtos comercializados, bem como dos resíduos gerados no local.

Muitos autores inserem a problemática socioambiental junto à esfera pública, o que provoca questionamentos e reflexões relevantes sobre o conceito de cidades sustentáveis associada aos riscos ambientais e sociais pertinentes (Gonzalves, 2004; Carvalho, 2004).

De acordo com Lima e Krüger (2004, p. 10),

“A maioria da população brasileira reside nas cidades e grande parte das atividades humanas acontece no espaço urbano, fenômenos que tendem a continuar ocorrendo no futuro, provavelmente de forma mais intensa e acelerada. A perspectiva de crescimento das cidades acentua a necessidade de a sociedade buscar formas de tornar o processo de desenvolvimento urbano sustentável, de modo a evitar ou minimizar as alterações climáticas decorrentes da urbanização, reduzir a poluição ambiental e garantir a preservação ou a construção de um ambiente urbano saudável para as gerações presentes e futuras”.

Com a finalidade de construir espaços de lazer urbanos, pode-se considerar que os parques públicos mesclam entre o natural e o construído, constituindo o cenário ambiental para o exercício de diversas práticas sociais, econômicas e culturais. Nesse sentido, Oliveira (2009) apregoa que os parques presentes na cidade de Curitiba compreendem espaços dinâmicos de lazer dotados de múltiplas práticas sociais.

Segundo o IPPUC (2010), o Município de Curitiba possui 18 parques, 15 bosques que, somados às praças, jardinetes, largos, núcleos ambientais, eixos de animação, jardins ambientais e centros esportivos, oferecem à população diferentes áreas de lazer. Além disso, essas áreas de lazer constituem fonte de sustento para diversas pessoas, como é o caso dos vendedores ambulantes que integram o trabalho informal do município, comercializando diversos produtos como pipoca, algodão-doce, caldo-de-cana, frutas, entre outros.

Todavia, Souza-Lima (1999) destaca que “com a fama de ‘capital modelo’ Curitiba tem funcionado como um verdadeiro chamariz populacional e todas as suas conseqüências sociais, políticas e, sobretudo, ambientais”. Assim, o município de Curitiba aclamado como “Capital Ecológica”, tem se

caracterizado por cenários ambientais contraditórios, como por exemplo, o Parque Barigüi, o qual requer ações intersetoriais eficazes dos órgãos responsáveis no que se refere às emergências ambientais vigentes.

Com isso, é importante salientar que se tenha controle e fiscalização por parte de autoridades frente à exploração econômica de espaços públicos de lazer e preservação ambiental. A respeito da manutenção e aprimoramento da qualidade ambiental, Lima e Krüger (2004, p. 10) defendem que

“as ações da administração pública e da sociedade devem convergir, de forma que o resultado das intervenções presentes não venha a comprometer as condições ambientais e de atendimento às demandas por infra-estrutura e qualidade de vida”.

Nesse contexto, verifica-se a necessidade de inserir a Educação Socioambiental (ESA) a favor do desenvolvimento e da qualidade de vida e explicitar algumas questões emergentes que exigem reflexão cada vez mais refinada. A primeira diz respeito a um dos princípios da educação socioambiental que é convidar o ser humano a uma reflexão crítica acerca das ações cotidianas envolvendo a saúde e o meio ambiente, considerando o poder de responsabilidade pública perante a natureza sobre a qual este interfere. A segunda, com respeito ao desenvolvimento sustentável, que entre outras, traz embutida a promessa de satisfação das necessidades básicas do ser humano, sem interferir na preservação dos bens naturais a serem consumidos pelas gerações futuras. Sendo assim, com propósitos de inserir a educação socioambiental no cotidiano dos vendedores ambulantes, irrompeu a necessidade de se conhecer melhor a percepção ambiental dos vendedores ambulantes.

De acordo com dados municipais (Curitiba, 2007), escolheu-se como cenário o parque mais frequentado de Curitiba, o Parque Barigüi, cuja localização facilitou a coleta dos dados pelos pesquisadores. Nesse sentido, a presente pesquisa constituiu-se num estudo a respeito da percepção socioambiental dos vendedores ambulantes do Parque Barigüi, localizado no município de Curitiba, Paraná.

O estudo se justifica pela relevância socioambiental, pois o Parque Barigüi é cenário da biodiversidade e da inclusão das heterogeneidades nas relações humanas. Trata-se, portanto, de uma referência social e ecológica do ambiente urbano no Município de Curitiba, Paraná. Além disso, toda a sua paisagem geográfica influi decisivamente na dinâmica socioambiental.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de âmbito qualitativo (Gil, 1999). Nesse sentido, buscou-se localizar fontes relacionadas à educação socioambiental, ética e promoção de saúde ambiental. A pesquisa foi realizada entre os meses de junho e julho de 2010, e incluiu entrevista semi-estruturada aplicada a 7 vendedores ambulantes selecionados; um vendedor por mercadoria comercializada: (pipoca, sorvete de carrinho, caldo de cana, algodão doce, coco

verde, frutas e cocada) e aplicação de questionários a 20 vendedores ambulantes cadastrados pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

A aplicação dos questionários sofreu interferências climáticas (dias muito frios) e operacionais, uma vez que os vendedores encontravam-se bastante ocupados o que dificultou a aplicação de um número maior de questionários. Em razão disso, optou-se pela amostra não probabilística, utilizando a amostra pelo critério de adesão ou julgamento.

Para o tratamento e análise qualitativa dos dados adotou-se a metodologia de análise do discurso do sujeito coletivo proposta por Lefèvre e Lefèvre (2005). Os dados obtidos por meio dos questionários foram tabulados em planilhas no EXCEL e, após, realizaram-se cruzamentos de informações por meio do EPI INFO 2007.

Considerou-se meio ambiente como o conjunto de elementos naturais, econômicos, culturais, sociais, populacionais que se entrecruzam em cenários próprios. Estes incluem atores sociais que intervêm por meio da Educação Socioambiental, que compreende uma dimensão transformadora conduzida pelo diálogo e caracterizada pela interdependência de diversas áreas do conhecimento, visando com isso à construção de cidadãos responsáveis, problematizadores e interventores da realidade socioambiental.

## **EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: SABER, CONHECER E CUIDAR**

Ao que parece, as percepções do tempo e do espaço são múltiplas e complexas, vez que estão associadas aos humores, às atividades, à sensibilidade, mas também ao modo como cada um se situa no mundo e na história. E isso, por sua vez, tem a ver com o modo como é inserida a preocupação com a natureza na percepção do tempo e do espaço de cada ser humano (Loureiro *et al.*, 2006).

A relação e a interação entre educação, trabalho e meio ambiente dependem fundamentalmente do significado atribuído a esse último. Diante da pergunta: Para você, o que é meio ambiente? Percebe-se que o discurso de um conceito de meio ambiente extremamente biológico e comportamental marca a fala dos entrevistados, que constroem suas representações socioambientais. Neste sentido, podem-se destacar os seguintes discursos:

“Meio ambiente é tudo na verdade né... é a questão onde a gente vive, onde a gente pisa, eu estudei isso na faculdade, mas não sei explicar, o ar que respiramos, onde a gente pisa, as pessoas, é meio na verdade, tudo é um conjunto só...” (VAM2)

“É bicho... é tudo o que a gente vive... sem o meio ambiente não tem como respirar. Sem o meio ambiente. Acho que meio ambiente é a água, os bichos a gente vive no meio ambiente...” (VAM2)

“Meio ambiente pra mim? Ultimamente tem sido tudo... porque tudo o que tem acontecido entre enchente, tudo vem disso do mau uso, do mau cuidado que tem sido com o meio ambiente, é lixo jogado onde não pode ser jogado, casa construída onde não é para ser construída está mexendo tudo e não tem ninguém para fiscalizar isso... Lugar de proteção ambiental que está sendo desmatado para a construção de casa...” (VAM1)

Por sua vez, os entrevistados identificaram problemas ambientais de ordem mundial que requerem preocupação da sociedade, destacando-se o desmatamento (60% das respostas), descarte inadequado de resíduos (10%) e poluição dos rios (30%).

Com respeito ao conhecimento do parque e ao significado do termo Barigüi percebe-se nas falas que boa parte dos entrevistados (90%) desconhece o espaço bem como seu significado:

“Já tive vontade de conhecer o Parque, mas ele é bem extenso para conhecer a pé, principalmente com criança é bem cansativo...” (VAM1)

Com relação aos motivos de escolha para trabalhar no parque Barigüi, emergem na fala dos entrevistados aspectos que remetem à ausência de poluição ambiental e herança familiar:

“Ar livre... Tem o parque mesmo... Boa referência, todo mundo fala muito bem do parque só depois a gente vem e começa a ver umas coisinhas que faltam melhorar... Tanto tempo do parque estar aqui, e, ninguém pensou em melhorar... Lixo mesmo, um pouquinho de segurança que falta... Mais mesmo é o lixo, precisa ver depois de domingo à tarde como é que fica...” (VAM1)

“É um lugar que tem bastante movimento, caldo de cana precisa como todo lugar, precisa ter pessoas, onde estacionar tem onde estacionar. Tem pessoas caminhando direto, fácil acesso para as pessoas.” (VAM2)

“Na verdade não fui eu, foi meu pai. Eu não sei. Mas eu gosto de trabalhar aqui. É sossegado.” (VAM3)

“Minha avó foi uma das primeiras pipoqueiras do parque há mais de 30 anos.” (VAM4)

Neste sentido, percebe-se que é importante a criação de vínculos e conhecimento do local para a construção do conceito de meio ambiente que irá nortear os valores comportamentais dos vendedores ambulantes, os quais

“inculcam através de diferentes meios (e não só através de processos educacionais formais), produzindo efeitos educativos. Estes valores vão desde os princípios ecológicos gerais (comportamentos em harmonia com a natureza) e uma nova ética política (abertura para a pluralidade política e a intolerância com o outro), até os novos direitos coletivos e os interesses sociais associados à reapropriação da natureza e à

redefinição de estilos de vida diversos, que rompem com a homogeneidade e centralização do poder na ordem econômica, política e cultural dominante” (Leff, 2009, p. 244).

Oliveira (2009) apregoa que o objetivo de um parque urbano é atrair o maior número de pessoas, com os mais variados horários, interesses e propósitos, sendo que o projeto do parque deve promover essa utilização de modo sustentável.

A educação socioambiental tenta articular subjetivamente o educando a produção de conhecimentos e vinculá-lo aos sentidos do saber. Isto implica fomentar o pensamento crítico, reflexivo e propositivo face às condutas automatizadas, próprias do pragmatismo e do utilitarismo da sociedade atual (Leff, 2009).

Trata-se de um processo histórico que exige o compromisso do Estado e da cidadania para elaborar projetos nacionais, regionais e locais, onde a educação se defina através de um critério de sustentabilidade que corresponda ao potencial ecológico e aos valores culturais de cada região; de uma educação capaz de gerar uma consciência e capacidades próprias para que as populações possam apropriar-se de seu ambiente como uma fonte de riqueza econômica, de prazer estético e novos sentidos de civilização; de um novo mundo onde todos os indivíduos, as comunidades e as nações vivam irmanados em laços de solidariedade e harmonia com a natureza (Leff, 2009).

As práticas de educação socioambiental comunitária ou popular estão, geralmente, muito implicadas nos processos de desenvolvimento social local, gerando maior capacidade de perceber problemas, pesar as conseqüências ambientais das escolhas coletivas e decidir sobre a qualidade de vida das populações (Carvalho, 2004).

Em primeiro lugar, somos hoje obrigados a pensar a educação ambiental como uma educação cidadã; mais que isso, como uma educação planetária (Loureiro *et al.*, 2006).

O desafio da educação ambiental é sair da ingenuidade do conservadorismo (biológico e político) a que se viu confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais (Reigota, 2004).

A incorporação do meio ambiente à educação formal limitou-se em grande parte a internalizar os valores de conservação da natureza; os princípios do ambientalismo incorporaram-se através de uma visão das inter-relações dos sistemas ecológicos e sociais para destacar alguns dos problemas mais visíveis da degradação ambiental, como a contaminação dos recursos naturais e serviços ecológicos, o manejo do lixo e a deposição de dejetos industriais. A pedagogia ambiental se expressa no contato dos educandos com seu entorno natural e social (Leff, 2009).

A emergência da questão ambiental como problema do desenvolvimento, e da interdisciplinaridade como método para um conhecimento integrado são respostas complementares à crise de racionalidade da modernidade (Leff, 2009).

Os problemas ambientais encontrados no Parque Barigüi mereceram reflexão dos entrevistados, o que resultou no seguinte elenco: poluição hídrica, descarte inadequado de resíduos por parte dos freqüentadores, cachorros abandonados e falta de iluminação:

“Mais a questão desse rio que está super poluído, super sujo, a questão também que está cheio de areia que eles tentam tirar aquela areia para ficar melhor a água... creio que sim, sempre passa o pessoal limpando ele... ele é limpo de modo geral... Falta iluminação, a questão ambiental é o rio, quatro e cinco horas dá um cheiro insuportável...” (VAM2).

“Não. A única coisa que eu vejo são os cachorros abandonados no parque... Têm vários... Agora está melhorando bastante Só isso mesmo... abandonado o parque não tá... antes... o parque estava um pouco abandonado... hoje não está.” (VAM4)

“O lixo... Fora o lixo, o lixo é porque no sábado e domingo não tem coletor de lixo... não tem uma cestinha de lixo no parque você tem que andar muito com a sacolinha de lixo para achar e quando não acham... jogam principalmente no nosso lixo que é diferenciado porque é a cana... sacolinha..., garrafinha..., jornal..., e vai tudo pro lixo que não é para isso... porque no parque se você andar você pode não encontrar nenhuma cestinha de lixo...” (VAM 1)

Atualmente, a visão da sociedade sobre a questão dos resíduos sólidos tem incorporado novos elementos, notando-se avanços significativos na importância que se confere à questão. Consequentemente, cada vez mais espaço na mídia e nas discussões políticas é ocupado pelos problemas associados aos resíduos sólidos (PHILIPPI JR. e AGUIAR, 2005).

Os entrevistados atribuem os problemas ambientais no Parque Barigüi como sendo 10% relacionado à sujeira no rio/lago, 15% à falta de lixeiras públicas, 30% pelo número de cachorros abandonados e 45% à falta de segurança no Parque.

Partindo do pressuposto que a produção de resíduos sólidos faz parte do cotidiano do ser humano, não se pode imaginar um modo de vida que não gere resíduos sólidos. Devido ao aumento da população humana, à concentração dessa população em centros urbanos, à forma e ao ritmo da ocupação desses espaços e ao modo de vida com base na produção e consumo cada vez mais rápidos de bens, os problemas causados por esses resíduos tendem a se tornar mais visíveis (Philippi JR. e Aguiar, 2005).

Os resíduos sólidos manejados inadequadamente oferecem alimento e abrigo para muitos vetores de doenças, especialmente roedores como ratos, ratazanas e camundongos, e insetos como moscas, baratas e mosquitos (Philippi JR. e Aguiar, 2005).

Nesse sentido, ao serem questionados sobre o descarte dos resíduos, destacam-se os seguintes discursos:

“Em saco de lixos e jogamos num lugar... num terreno que tem ali, numa caçamba que a Prefeitura a cada dois/ três dias leva para o lixão.” (VAM2)

“Os nossos ficam todos na Secretaria do meio Ambiente. A gente não pode nem deixar aqui nem levar para casa... a gente deixa direto na caçamba deixaram autorizar que eles mesmos coletam.” (VAM1)

“Eu jogo... tem uma caçamba da prefeitura... Sei lá para onde eles levam? Acho que eles levam para o lixão... tem uma caçamba exclusiva...” (VAM3)

“A gente joga pipoca pros patos ou a gente leva até a sede, e joga na caçamba... Do outro lado onde a gente deixa o carrinho...” (VAM4)

Um desses elementos que vêm sendo incorporados envolve a noção de que a geração de lixo é inadequada: muitas vezes são lançados nas ruas sem acondicionamento, acondicionados com materiais inadequados ou ainda colocados para coleta em locais que prejudicam a qualidade de vida. Por isso, as pessoas ao gerar o lixo nem sempre se dão conta de que sua atitude influencia os processos de acondicionamento, coleta, transporte, tratamento e disposição final (Philippi JR. e Aguiar, 2005).

A empresa CAVO Serviços e Meio Ambiente é responsável pelos serviços de coleta de resíduos tanto orgânicos quanto de varrição e capina no Parque Barigüi. A coleta de resíduos no Parque é noturna e ocorre três vezes por semana, sendo os principais geradores: lanchonete, restaurante, pavilhão de exposições e sanitários (Curitiba, 2007).

Nesse contexto, 80% dos entrevistados informaram que realizam o descarte de seus resíduos decorrentes de seu comércio nas lixeiras públicas do Parque Barigüi, 70% desconhecem o destino final do descarte realizado.

A geração de resíduos sólidos é resultado, entre outros fatores, dos padrões de consumo, dos reflexos do modo de vida adotado em cada comunidade e das atividades econômicas ali realizadas (Philippi JR. e Aguiar, 2005). Ao percorrer o parque percebe-se o descarte inadequado de papelão em lixeira destinada para resíduos de comida. Esse fato é recorrente em todo o trajeto do Parque, e percebe-se ainda que ocorre nas proximidades do comércio ambulante.

O acondicionamento correto é importante porque contribui para evitar a proliferação de vetores, e problemas com odores, estéticos e relacionados ao



bem-estar. A própria população servida realiza essa etapa, por isso, os geradores participam mais diretamente (Philippi JR. e Aguiar, 2005).

O discurso dos entrevistados mostrou que uma grande parte dos freqüentadores do Parque Barigüi se utiliza das lixeiras dos vendedores ambulantes para descartar outros resíduos não consumidos no comércio ambulante correspondente. Desse modo, procurou-se conhecer a conduta dos vendedores ambulantes em relação a tal fato. A pesquisa quantitativa revelou que 70% dos entrevistados apenas permitem o descarte de resíduos não consumidos em seu estabelecimento comercial, e que apenas 20% permitem, mas explicam que há lixeiras próprias. Esse fato incomoda consideravelmente os vendedores ambulantes que em alguns casos, preocupam-se em separar os seus resíduos e colocá-los na caçamba da Prefeitura a qual dará destinação final.

Quanto à solução dos problemas ambientais encontrados e à contribuição dos vendedores ambulantes ao Parque Barigüi, pode-se destacar que os vendedores ambulantes cobram atitudes das autoridades públicas, além de não identificar oportunidades de contribuição junto à preservação do Parque Barigüi.

“Na verdade a gente contribui né, porque a gente não deixa lixo, a gente não joga caldo de cana, a gente sempre está varrendo, não deixa copo voando, a gente sempre organiza bem certinho só que a questão do rio a gente não tem nada para fazer...” (VAM2)

“Olha eu acho, um pouquinho mais de fiscalização, um pouquinho mais da prefeitura mesmo, da Secretaria se colocasse mais lixeira, fizessem campanhas ”Não jogue seu lixo nas calçadas, nas ruas” porque o povo é educado só que eles não têm onde jogar o lixo quando vem ao parque... eles são educados, “posso deixar aqui”, eles pedem.”(VAM1).

## **EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: UMA PROPOSTA EM CONSTRUÇÃO**

Em razão dos dados coletados, propõe-se uma atividade socioeducativa enfatizando questões ambientais pertinentes a realidade pesquisada.

Diante da necessidade em se construir identidade socioambiental cujo conceito seja abrangente e envolva aspectos sociais, econômicos e culturais procurou-se a partir dessa proposta sensibilizar os vendedores ambulantes quanto a sua atuação profissional de modo saudável e sustentável, visto que a pesquisa de campo mostrou que 50% dos entrevistados relacionam cidadania à Educação Ambiental e os outros 50%, desenvolvimento sustentável.

Com isso, percebe-se a necessidade de realizar capacitação na área ambiental desses profissionais do comércio ambulante, já que a sua atuação oportuniza a construção e disseminação de saberes socioambientais entre os freqüentadores do Parque Barigüi. A educação comunitária visando à cidadania

responsável contribui decisivamente à formação da consciência crítica ambiental ressaltando o que Leff (2009) apregoa em sua obra Saber Ambiental:

“A politização dos valores ambientais se expressa, sobretudo nos projetos de educação não-formal, realizados por grupos ecológicos com a comunidade, vinculados à defesa de seu meio, à apropriação social da natureza e à autogestão de seus recursos de produção.

Diante disso, a presente proposta de educação continuada compreende um planejamento de ações educativas às quais oportunizam apropriação do território (territorialização, já utilizada pelos profissionais de saúde da Estratégia Saúde da Família), por parte dos vendedores ambulantes atuantes no Parque Barigüi, ressaltando aspectos históricos, biológicos, econômicos e sociais os quais fundamentam o conceito ampliado de meio ambiente. Além de discussões acerca dos problemas socioambientais e suas possíveis soluções”.

As oficinas de territorialização têm por objetivo inserir os vendedores ambulantes no seu ambiente de trabalho (Parque Barigüi), por meio de um diagnóstico situacional utilizando a técnica de estimativa rápida para coleta de dados socioambiental e posterior problematização e busca de soluções dos mesmos. Com isso, os vendedores ambulantes tornam-se sujeitos pesquisadores que interagem de maneira crítica junto aos problemas levantados através do reconhecimento e apropriação das condições socioambientais existentes no Parque Barigüi.

A intenção é que a partir das discussões possam ser apresentadas propostas de melhoria de curto e longo prazo, atribuindo responsabilidades aos sujeitos em diversos níveis e setores da sociedade.

Nesse sentido, Knechtel e Floriani reforçam que é necessário “conhecer, aprender e compreender a nossa casa para encontrar dentro dela um nicho apropriado para a Educação Ambiental” (Knechtel e Floriani, 2003).

A relação de ensino/aprendizagem envolve processos cognitivos e socioculturais de atribuição de significados que favoreça a capacidade de ação dos sujeitos no mundo e sua vinculação afetiva com valores éticos e estéticos dessa visão de mundo (Carvalho, 2004).

Com um olhar para a finalização do século XX o mundo oscila entre a modernidade e a pós-modernidade, gerando ora perplexidades, ora incertezas, todavia exigindo o “aprender a aprender” a construção e a reconstrução de conhecimentos em busca de uma relação eco-sócio-político sustentável (Knechtel e Floriani, 2003, p.36).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se nas falas dos vendedores ambulantes entrevistados um conceito de meio ambiente extremamente biológico e comportamental, que constrói suas representações socioambientais. Boa parte dos vendedores desconhece a extensão do Parque Barigüi, se estabelecendo lá por razões de sobrevivência material, em primeira instância.

Neste sentido, percebe-se que é importante a criação de vínculos e conhecimento do local para a construção do conceito de meio ambiente que irá nortear valores comportamentais, tais como: princípios ecológicos, ética política e até novos interesses sociais associados à reapropriação da natureza e à redefinição de estilos de vida diversos.

Sendo assim, uma proposta de ação Educativa voltada para os vendedores ambulantes poderia amenizar problemas ambientais vigentes, a partir do momento em que eles pudessem atuar como agentes de educação ambiental junto aos frequentadores do Parque Barigüi.

## BIBLIOGRAFIA

- Carvalho, I. C. de M. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.
- Curitiba. Plano de Manejo do Parque Barigüi. 2007.
- Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- Goncalves, T. M. Meio ambiente e a questão urbana. *In*: Vicentini, Y. (org.). Desenvolvimento e meio ambiente: cidade e sustentabilidade. Curitiba: UFPR, 2004. p.117-121.
- IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Disponível em: <[http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba em dados Pesquisa.asp](http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba%20em%20dados%20Pesquisa.asp)> Acesso em 12 de julho 2010.
- Knechtel, M. do R.; Floriani, D. Educação ambiental, epistemologia e metodologias. Curitiba: Vicentina, 2003.
- Lefèvre, F; Lefèvre, A. M. Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.
- Leff, E. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- Lima, P. R. de; Krüger, E. L. Políticas públicas e desenvolvimento urbano sustentável. *In*: Vicentini, Y. (org.). Desenvolvimento e meio ambiente: cidade e sustentabilidade. Curitiba: UFPR, 2004. p.09-21.
- Loureiro, C. F. B. et al. (org.). Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.

- Oliveira, M. P. Práticas corporais em meio à natureza: o caso do Parque Barigüi, Curitiba, PR. Dissertação de Mestrado Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, 2009.
- Philippi JR, A.; Aguiar, A. O. Resíduos sólidos: características e gerenciamento. In: Philippi JR, A. (Org.) Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. Barueri-SP: Manole, 2005. p. 267-321.
- Reigota, M. Meio ambiente e representação social. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- Souza-Lima, J. E. O Preço da Fama. Rev. FAE, Curitiba, v.2, n.1, jan./ abr. , 1999, p.31-41.